

DISCURSO, SIGNIFICAÇÃO E PODER: EFEITOS DE SENTIDO ESTABELECIDOS PARA A PALAVRA EMPODERAMENTO

Mirian Carolinne Silva Ribeiro¹ (AC – miriancarolinne21@gmail.com)*, Anderson Braga do Carmo¹ (PO).

¹Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Sudoeste – Sede Quirinópolis. Avenida Brasil, nº 435, Conjunto Hélio Leão, CEP: 75860-000, Quirinópolis, Goiás.

Resumo: O objetivo dessa pesquisa é o de compreender o funcionamento de sentidos da palavra empoderamento para graduandas dos cursos de licenciatura do Câmpus Sudoeste, Sede em Quirinópolis, da Universidade Estadual de Goiás. Para tanto, aplicamos um questionário virtual, produzido por nós, para acadêmicas dos cursos de Ciências Biológicas, Educação Física, História, Geografia, Letras, Matemática e Pedagogia do câmpus. A partir da proposta teórico-metodológica da Análise de Discurso Francesa de base materialista, realizamos uma análise discursiva das respostas que constituíram nosso arquivo, procurando identificar as regularidades discursivas das posições-sujeito em jogo no processo de constituição dos sentidos para empoderamento. Para tanto, utilizamos os pressupostos de Eni Orlandi (2010 e 2020), Michel Pêcheux (2009), Joice Berth (2019) e Marcia Tiburi (2018) para a produção da nossa análise e compreensão das regularidades discursivas presentes nas respostas. Da formação social de sujeito “licencianda”, entendemos que a imagem do que se cria para empoderamento está sujeita ao equívoco, visto que ser mulher, graduanda e futura professora estabelece para essas mulheres condições sócio-históricas que nem sempre permitem uma identificação enquanto “mulher empoderada”, ou ainda, que esta é uma posição que a ela é negada ou que ela não deve ocupar, observamos que esta palavra não só possui acepções diversas nas várias áreas em que ela é mobilizada, como também, dentro da temática de gênero, ela atravessa aspectos fundamentais como estética, afetividade, consciência racial, política e vários outros. Desse modo, a relação entre Língua, Sujeito e Ideologia foi uma articulação fundamental para a realização do nosso gesto de leitura sobre a constituição de um imaginário universitário feminino sobre a palavra empoderamento.

Palavras-chave: Empoderamento; Sujeito; Graduandas; Formação Imaginária; Análise de Discurso.

Introdução

Em 2016, um levantamento¹ realizado pela Editora Positivo nos mostrou que a palavra mais buscada daquele ano, no dicionário *Aurélio*, foi “empoderamento”, segundo o que nos informa a *Revista Dom Total* (2016), o que nos desvela que a palavra tão em evidência em discursos que significam um contexto de resistência e luta, sobretudo de mulheres, por espaços, respeito e direitos, nos dias de hoje, é uma aquisição recente do léxico da língua. Desse modo, percebemos que se por um lado, atualmente, há um excessivo uso da palavra empoderamento, por outro ela ainda mantém certa opacidade no que se refere ao funcionamento dos seus sentidos.

¹ A pesquisa levou em consideração ferramentas direcionadas para mais de 2 milhões de estudantes de escolas públicas e particulares de todo o Brasil.

Não de forma fortuita, a escritora Joice Berth lançou em 2018 o livro *O que é empoderamento?*, pela editora Letramento, no qual ela promove uma reflexão sobre este termo a partir de suas vivências dentro do movimento feminista negro. Nesse sentido, entendemos que a palavra “empoderamento”, significada pelo dicionário *Aurélio* (Ferreira, 2010) como “ação, processo ou efeito de empoderar(-se)”, ou ainda, “conquista e distribuição do poder de realizar ações, ao adquirir-se consciência social e conhecimento, de forma a produzir mudanças a partir destas aquisições”, tem recebido contornos mais específicos no âmbito dos estudos feministas e na fala de mulheres que usam este termo de forma simbólica em suas práticas de denúncia frente a uma sociedade machista, violenta e misógina.

Ao considerarmos as questões levantadas anteriormente, a opacidade de significação da palavra empoderamento e o demasiado uso do termo, principalmente por mulheres, esta pesquisa teve o objetivo de compreender o funcionamento de sentidos da palavra em tela para graduandas dos cursos de licenciatura do Câmpus Sudoeste, Sede em Quirinópolis, da Universidade Estadual de Goiás. Assim, compreendemos, por meio da aplicação de um questionário e a partir de um ponto de vista materialista histórico da linguagem, quais efeitos de sentido de empoderamento se fazem presentes na constituição discursiva de mulheres que serão futuras profissionais da educação.

A seleção deste grupo de sujeitos de pesquisa foi motivada por observarmos que as dificuldades em concluir o ensino superior tem se apresentado para mulheres devido a específicos papéis sociais que uma sociedade patriarcal tem imposto a elas, responsabilizando-as desigualmente e sobrecarregando-as, o que realça a pertinência de realização da nossa pesquisa. Dessa maneira, ao constituirmos um levantamento sobre o que pensam estas licenciandas sobre empoderamento, compreendemos as relações e as regularidades discursivas que os sentidos apresentam com os contextos de vida destas acadêmicas e com as formações discursivas que as constituem enquanto mulheres.

Quando falamos de direitos iguais e de empoderamento, também falamos de autoestima, da luta e da história de cada mulher, aspectos cada vez mais significativos para compreendermos os dilemas, os pensamentos e a constituição dos papéis de gênero na vida social. Logo, toda iniciativa investigativa, como a que efetivamos no

espaço desta pesquisa, se mostra fundamental para encontrarmos soluções ou ainda esclarecimentos em torno de problemáticas como a da desigualdade de gênero.

Nosso arquivo de análise constituiu-se por meio de respostas apresentadas por graduandas dos cursos de Ciências Biológicas, Educação Física, História, Geografia, Letras, Matemática e Pedagogia do Câmpus Sudoeste da UEG, frente ao questionário que aplicamos de forma virtual. As questões do questionário versavam tanto sobre os sentidos de empoderamento para estas mulheres, quanto buscavam avaliar o perfil social delas.

Para tanto, utilizamos os estudos desenvolvidos por Eni Orlandi (2010 e 2020) e Michel Pêcheux (2009), para a constituição do nosso dispositivo de análise, e as pesquisas desenvolvidas por Marcia Tiburi (2018) e Joice Berth (2019) para uma compreensão mais abrangente sobre a relação entre feminismo, mulher e empoderamento.

Essa pesquisa, portanto, ao ser concebida como um espaço de investigação, visou a entender: a) quais regularidades discursivas estabelecidas pelo sujeito graduanda podem ser identificadas no arquivo em análise; e b) como se constituem as relações intersubjetivas que determinam o que é ser empoderada para estas mulheres;

Considerações Metodológicas

A Análise de Discurso (AD) busca entender “a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico”, abordando o percurso e a constituição dos sentidos, associando a linguagem a sua exterioridade (Orlandi, 2010, p.15). Assim, a AD, ao funcionar como uma disciplina de entremeio, entende que a constituição do objeto discurso só pode ser observada na relação “entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos por/para os sujeitos” (Orlandi, 2010, p.17).

[...] a Análise do Discurso visa a compreensão de como um objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos. Essa compreensão, por sua vez, implica em explicitar como o texto organiza os gestos de interpretação que relaciona sujeito e sentido. (ORLANDI, 2010, p. 26).

Para Orlandi, (2010), a AD concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social em que ele vive, assim, não cogita a língua como um sistema abstrato, mas como um método de interação. O discurso é o meio pelo qual o processo de interação verbal se concretiza, ou seja, “ele é a palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando”, (Orlandi, 2010, p.15).

Na AD não existe o ideal de transparência da língua, ou seja, já não se espera que a língua seja exata, objetiva e livre de múltiplos sentidos. Desse modo, o sujeito é o sujeito do inconsciente, estruturado na língua e, assim, interpelado pela ideologia através das práticas discursivas (Orlandi, 2010). A falta do sujeito é uma falta de objeto. O conceito de sujeito não se configura como ponto de partida ou *a priori* teórico. Trata-se de um conceito formulado como uma consequência de uma teoria do discurso (Pêcheux, [1975] 2009).

Ao buscarmos entender os sentidos que figuram sobre o empoderamento feminino, reconhecemos que as ideologias de interpelação podem ser de ordens distintas, mas que atravessam o sujeito em seus discursos e podem refletir em suas práticas cotidianas diárias, nas lutas por seus direitos e em várias outras áreas.

Nesse sentido, entendemos que analisar o discurso é ultrapassar as barreiras das estruturas linguísticas, articulando-as a elementos como as condições de produção: “não podemos defini-lo se não em referência ao mecanismo de colocação dos protagonistas do objeto de discursos, mecanismos que chamamos de condições de produção do discurso”. Por essa via, as condições de produção permitem o acesso à exterioridade, uma vez que dizem respeito ao modo como o discurso é pensado na análise de discurso “efeito de sentido entre os pontos A e B” (Pêcheux, [1969] 2009, p. 81), em que pontos A e B referem-se a lugares determinados numa formação social. Tal resignificação apresenta o discurso como um processo que se produz pela relação intrínseca entre a língua, a história e a ideologia. (Oliveira; Radde, 2020 p.48)

Uma das categorias que mobilizamos em nossa análise foi a de “formação discursiva”. As FDs correspondem ao espaço no qual se dá a constituição dos sentidos, neste, os sujeitos, por meio de suas identificações a determinadas formações ideológicas (FIs), manifestam seus posicionamentos, ou seja, as formações discursivas são elementos relacionados diretamente com as formações ideológicas. Para Orlandi (2010, 0p.43), a formação discursiva se define “como aquilo

que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito”. Nesse sentido, identificar as formações discursivas que compreendem os sujeitos da nossa pesquisa é um passo fundamental para entendermos o que estas mulheres entendem por empoderamento, e se o que dizem constituem-se por formações como maternidade, docência, casamento, ciência, feminismo e machismo.

Para Orlandi (2010, p.96), a ideologia é o “que torna possível a relação de palavra/coisa”, e é pelo discurso que a “ideologia torna possível a relação entre o pensamento, a linguagem e mundo”. Dessa forma, para a AD, a “ideologia opera no processo de constituição do sujeito, pari e passu com a estruturação do processo de significação”, o que produz efeitos de evidência para o que, na verdade, constitui-se por formações ideológicas determinantes de várias práticas sociais, como o machismo, por exemplo.

Com o objetivo de compreender os sentidos de empoderamento por um sujeito que é graduando e mulher, apreendemos as práticas ideológicas que as constituem na determinação de um imaginário sobre o termo. Nesse sentido, o funcionamento simbólico dos sentidos constituiu-se em condições de produção específicas e são autorizadas por formações discursivas que sustentam o que se enuncia por uma posição-sujeito graduanda. Assim, entendemos que o imaginário constituído para empoderamento apresenta sentidos diversos no fio do discurso, dada a opacidade do dizer. Assim, a dispersão de sentidos para empoderamento pode transitar entre o conhecimento e o desconhecimento do termo, e essa resposta também é um elemento que analisamos.

Resultados e Discussão

“A cada hora, 26 mulheres sofrem agressão física no país”, “Mais de 1.300 casos de feminicídio foram registrados em 2021”, “81% das mulheres não procuram nenhum serviço de atendimento após estupro”, “Trabalho doméstico sobrecarrega ainda mais as mulheres na pandemia”, “68% das mulheres têm muito medo de sair à noite sozinha no bairro onde mora”, “A cada 24 horas, quatro mulheres são assassinadas no Brasil”, todos estes enunciados são manchetes de notícias

elencadas pelo site *Violência contra as mulheres em dados*², e nos apresentam por meio de estatísticas e números que ainda é preciso falar sobre direito das mulheres e machismo, apesar dos avanços trazidos pelos movimentos de luta na era em que estamos.

Vivemos em uma sociedade em que os efeitos do patriarcado silenciam a violência que estes números representam e estruturam uma organização social sobredeterminada por uma ótica machista. Contra essas determinações, o feminismo tem sido a corrente de luta e que busca por justiça. Estas manchetes, desse modo, nos mostram o machismo como uma formação social, um modo de ser totalitário e insidioso, e que é difícil de ser modificado (Tiburi, 2018, p.63).

Nessa direção, falar em empoderamento feminino é pensar em uma resposta ao que as estatísticas nos mostram. Trata-se de refletir sobre o processo de emancipação das amarras machistas a que a sociedade se sujeita, e este se inicia pela compreensão de que o machismo existe e que o sistema social é alimentado e privilegiado por ele em aspectos econômicos, políticos, educacionais e em diversos setores.

Desde os primórdios da humanidade a mulher tem lutado pelos seus direitos, por uma vida melhor, e pelo seu reconhecimento em diversas instituições. Na observação deste contexto, desfavorável às mulheres, criaram-se alguns movimentos sociais como o feminista, e as mulheres que se identificam por esta bandeira lutam pelo reconhecimento e proteção de seus direitos. Sob esta nomenclatura, expomos e valorizamos a caminhada árdua que inúmeras mulheres tiveram por conta de uma cultura que desde cedo as desigualam e as refletem como minoria.

A partir de práticas de resistência diversas, as mulheres conquistaram o direito ao trabalho digno, a leis trabalhistas, a leis contra a violência doméstica e a leis contra o abuso sexual. Além disso, elas conquistaram lugares de fala, como na política, na educação, a frente de grandes empresas, nos esportes e até na presidência de países.

É de uma posição de luta contra o machismo, no que se refere ao escopo desta pesquisa, que o termo empoderamento produz seus sentidos e, para tanto, trazemos aqui os conhecimentos de Joice Berth (2019), para nos auxiliar na reflexão. Segundo Berth:

² As notícias podem ser visualizadas em: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia-em-dados/category/cultura-da-violencia-e-machismo/>. Acesso em: 30 ago. 2022.

Quando falamos em empoderamento, sobretudo nos dias de hoje, concluímos que estamos diante de um conceito complexo, muito distorcido e incompreendido, o que se deve em grande parte ao debate acrítico sobre o tema. Exatamente por isso o termo também vem sendo severamente criticado, não por seu significado, mas pela maneira esvaziada com que é utilizado e que foge completamente das raízes da teoria proposta [...]. (BERTH, 2019, p.24)

Contra esse esvaziamento, vale a pena refletir que, para Berth (2019, p.19), empoderar é, antes de tudo, “pensar em caminhos de reconstrução das bases sociopolíticas, rompendo concomitantemente com o que está posto, entendendo ser esta a formação de todas as vertentes opressoras que temos visto ao longo da História”. Desse modo, conseguimos combater a banalização do termo, e pensá-lo como um instrumento de transformação social.

Grosso modo, empoderamento diz respeito ao processo de “dar poder”, como sugere a própria formação neológica da palavra. Nessa direção, é preciso entender que o conceito de poder se estabelece aqui em uma ação coletiva e nunca individualizada:

[...] estamos falando na condução articulada de indivíduos e grupos por diversos estágios de autoafirmação, autovalorização, autorreconhecimento e autoconhecimento de si mesmo e de suas mais variadas habilidades humanas, de sua história, e principalmente de um entendimento quanto a sua posição social e política e, por sua vez, um estado psicológico perceptivo do que se passa ao seu redor. Seria estimular, em algum nível, a autoaceitação de características culturais e estéticas herdadas pela ancestralidade que lhe é inerente para que possa, devidamente munido de informações e novas percepções críticas sobre si mesmo e sobre o mundo em volta, e, ainda, de suas habilidades e características próprias, criar ou descobrir em si mesmo ferramentas ou poderes de atuação no meio em que vive e em prol da coletividade. (BERTH, 2019, p.18)

Para tanto, inspirada por autores como Freire, Hooks, Collins, Davis e Batliwala, Berth (2019) entendemos empoderamento como;

[...] a aliança entre conscientizar-se criticamente e transformar na prática, algo contestador e revolucionário na sua essência. Partimos de quem entende que os oprimidos devem empoderar-se entre si e o que muitos e muitas podem fazer para contribuir para isso é semear o terreno para tornar o empoderamento fértil, tendo consciência, desde já, que, ao fazê-lo, entramos no terreno do inimaginável: o empoderamento tem a contestação e o novo no seu âmago, revelando, quando presente, uma realidade sequer antes imaginada. É, sem dúvidas, uma verdadeira ponte para o futuro. (BERTH, 2019, p.91)

Quando a autora fala em empoderamento, faz significar este termo pelo atravessamento político que perpassa todas as áreas de formação do sujeito e todas as nuances que envolve a coletividade. Para Berth (2019, p.91), “quando questionamos o modelo de poder que envolve esses processos, entendemos que não é possível empoderar alguém”. É preciso primeiro empoderarmos a nós mesmos para ampararmos outros indivíduos, logo, trata-se de uma “simbiose”, como relata a autora, entre o individual e o coletivo.

Considerações Finais

Na tentativa de compreender um percurso de sentidos para empoderamento, observamos que esta palavra não só possui acepções diversas nas várias áreas em que ela é mobilizada, como também, dentro da temática de gênero, ela atravessa aspectos fundamentais como estética, afetividade, consciência racial, política e vários outros.

“Ser independente”, “ser bem resolvida”, “ter amor próprio”, “não ter medo”, “ser quem corre atrás dos objetivos” foram algumas das respostas que obtivemos pelas nossas informantes, quando questionadas sobre o que significa empoderamento para elas. Assim, entendemos que possuir autonomia é um sinônimo possível para empoderamento, de acordo com as respostas destas mulheres. De forma unânime, todas consideram-se mulheres empoderadas e a maioria disse que a universidade é um espaço de empoderamento fundamental para elas.

A partir do nosso gesto de análise, entendemos que a relação entre língua-discurso-ideologia foi fundamental para a compreensão da produção dos efeitos de sentido para “empoderamento” por quem é mulher, universitária e futura professora.

Agradecimentos

Agradeço, primeiramente, a Deus pela oportunidade de finalizar essa pesquisa e por me ajudar a alcançar meus objetivos. Agradeço o apoio da minha família e amigos. Agradeço ao meu esposo por

estar sempre do meu lado e não me deixar desistir. Agradeço ao meu orientador, Prof. Anderson Braga do Carmo, por me acompanhar nessa jornada, por estar sempre me apoiando e se dedicando ao meu estudo, com paciência e por todos seus ensinamentos. Agradeço a todos que contribuíram com a minha pesquisa, diretamente ou indiretamente. E, por fim, agradeço à UEG pela oportunidade de concluir meu processo de formação profissional.

Referências

BERTH, Joice. **Empoderamento?** São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BRESSAN, Mariele Zawierucka. Arquivo. In: LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina (Org.). **Glossário de termos do discurso**. Campinas: Pontes, 2020, p.27-31.

CAMPOS, Luciene Jung de. Acontecimento. In: LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina (Org.). **Glossário de termos do discurso**. Campinas: Pontes, 2020, p.17-22.

_____; Alquatti Raquel. Sujeito. In: LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina (Org.). **Glossário de termos do discurso**. Campinas: Pontes, 2020, p.281-285.

DOMTOTAL. Empoderamento é a palavra mais buscada no Aurélio em 2016. In: **Revista DomTotal**. 2016. Disponível em: <https://domtotal.com/noticia/1110461/2016/12/empoderamento-ea-palavra-mais-buscada-no-aurelio-em-2016/>. Acesso em: 10/02 /2022.

EMPODERAMENTO. In: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI**: o dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Nova Fronteira, 1999.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia Científica**. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2019.

OLIVEIRA, Alex Sander de; RADDE, Augusto. Condições de Produção. In: LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina (Org.). **Glossário de termos do discurso**. Campinas: Pontes, 2020, p.47-50.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 9 ed. Campinas: Pontes, 2010.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni Orlandi. 4 ed. Campinas: Unicamp, 2009.

PRUINELLI, Andréia. Resistência. In: LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina (Org.). **Glossário de termos do discurso**. Campinas: Pontes, 2020.

TIBURI, Marcia. **Feminismo em comum**: para todas, todes e todos. 2 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.